

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESCOLA DE ARQUITETURA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**OLHARES SOBRE A ARQUITETURA, ARQUITETURAS DO OLHAR:**  
**UMA OUTRA ABORDAGEM PARA O IMAGINÁRIO FOTOGRÁFICO**  
**CONTEMPORÂNEO DO ESPAÇO CONSTRUÍDO**

VOLUME I

Belo Horizonte  
2015



**JUNIA CAMBRAIA MORTIMER**

**OLHARES SOBRE A ARQUITETURA, ARQUITETURAS DO OLHAR:  
UMA OUTRA ABORDAGEM PARA O IMAGINÁRIO FOTOGRÁFICO  
CONTEMPORÂNEO DO ESPAÇO CONSTRUÍDO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Arquitetura.

Área de concentração: Teoria, Produção e Experiência do Espaço

Linha de pesquisa: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e suas relações com outras artes e ciências

Orientador: Prof. Dr. Stéphane Huchet

Coorientador: Prof. Dr. Anthony Vidler

VOLUME I: Caderno de textos

Belo Horizonte  
2015

#### FICHA CATALOGRÁFICA

M888o	<p>Mortimer, Junia Cambraia. Olhares sobre a arquitetura, arquiteturas do olhar [manuscrito] : uma outra abordagem para o imaginário fotográfico contemporâneo do espaço construído / Junia Cambraia Mortimer. - 2015. 2 v. : il.</p> <p>Orientador: Stéphane Renné Albert Denis Huchet. Coorientador: Anthony Vidler.</p> <p>Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.</p> <p>1. Fotografia arquitetônica. 2. Arte e fotografia. 3. Espaço (Arquitetura). 4. Espaço (Arte). 5. Percepção espacial. 6. Análise de imagem. I. Huchet, Stéphane Renné Albert Denis. II. Vidler, Anthony. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.</p>
	CDD 770.1



ATA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO DE  
**JUNIA CAMBRAIA MORTIMER**

Matrícula número 2011659463

Às quatorze horas do dia dois de março de dois mil e quinze, reuniu-se na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora de Tese para julgar o trabalho intitulado *“Olhares sobre a arquitetura, arquitetura do olhar: uma nova abordagem para o imaginário fotográfico contemporâneo do ambiente construído”* requisito final para obtenção do Grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração “Teoria, produção e experiência do espaço”. Abrindo a sessão, o orientador – Professor Stéphane Huchet - após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à aluna Junia Cambraia Mortimer para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão reuniu-se, sem a presença da doutoranda e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado:

Aprovação;

( ) Aprovação condicionada à entrega das revisões constantes nesta Ata e aceitas pelo orientador, no prazo de 30 dias;

( ) Reprovação.

Comentários adicionais: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O resultado final foi comunicado publicamente para a candidata pelo Presidente da Comissão.

Revisões exigidas pela Comissão Examinadora:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente Ata, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora, a saber:

Prof. Dr. Stéphane Huchet (Orientador - EA-UFMG) \_\_\_\_\_

Profª. Dra. Renata Moreira Marquez (EA-UFMG) \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (FALE-UFMG) \_\_\_\_\_

Profª. Dra. Maria Ivone dos Santos (UFRGS) \_\_\_\_\_

Profª. Dra. Ana Luiza Nobre (PUC-RJ) \_\_\_\_\_

Ciente: \_\_\_\_\_

Discente Junia Cambraia Mortimer

Atesto que as alterações exigidas \_\_\_\_\_ cumpridas. *Sem alterações*

Belo Horizonte, 02 de março de 2015

Orientador: \_\_\_\_\_

Professor Stéphane Huchet

Homologada a APROVAÇÃO pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em  
Arquitetura e Urbanismo em 11 / 03 / 2015.

Coordenador(a): \_\_\_\_\_

*Profª Drª Denise Morado Nascimento*  
Coordenadora do NPGAU-EA/UFMG

*Para Antônio e Branca.*





## AGRADECIMENTOS

A meu orientador, Stéphane Huchet, amigo com quem tenho divertidas e dedicadas discussões, nas quais o olhar matura e a consciência expande por aqueles meios que só a imagem é capaz de fazer. Pela paciência e pelo zelo, pela interlocução e pela dedicação.

A Fernanda Borges que, na coordenação do NPGAU, viabilizou tantas realizações profissionais sem deixar por menos o acolhimento afetivo.

Aos membros do grupo Arquitetura, Humanismo e República, em especial ao Cacá Brandão, pelos compartilhamento das maravilhas do olhar.

A Marieta Maciel, por disponibilizar a estrutura do Laboratório de Foto-Documentação Sylvio de Vasconcellos, na EA | UFMG.

A Patricia Franca-Huchet, e a Elisa Campos, pelos enriquecedores encontros que se fizeram possíveis dentro dos meandros da Belas Artes.

Aos estudantes das disciplinas que lecionei na EA | UFMG, especialmente àqueles da disciplina optativa ACR025 A – Fotografia e Arquitetura.

Aos bolsistas Davidson Leite e Rafaela Barcelos.

Aos funcionários da Biblioteca Rafaello Berti.

Aos interlocutores exigentes, na pessoa de Rita de Cássia Velloso, que me ajudaram a ver que o melhor caminho seria abandonar uma história velha e partir para um novo começo, meu.

Aos amigos da grande comunidade UFMG: Fabiana Araujo, Giovanna Miranda, Fernanda Goulart, Daniela Gontijo, Diogo Carvalho, Gabriel Castro, Mariana Falcão, Rodrigo Bastos, Geraldo Ângelo, Leandro Pudinzim, Cleo Alves, Luciana Bonuti, Marina Horta e Bruno Viveiros.

À amiga-vizinha-coorientadora, Renata Marquez.

Às amigas da Feira, Carol Fenati e Cecília Rocha, e às amoras Luísa Rabello e Clarice Lacerda, sem as quais este trabalho não teria sido tão bem encarnado.

A Janine Rocha, pelo cuidado meticuloso com a revisão do texto.

Aos das Bordas, Flávio Valle, Priscila Musa, Flávio Charchar e Cris Guimarães.

Ao Antônio Fragoso, pelo amanhecer fotográfico-psicanalítico.

Aos de para sempre Esther Gonçalves, Carolina Anselmo, Estefânia Orsel, Vanessa Tenuta, Gabriela Pires e Leonardo Beltrão.

Ao roqueiro modernista, desde Santa Fé, Luis Muller.

Ao Julian, perto no tempo, ainda que longe no espaço.

A Toninho e Branca, Daniel, Sofia, Hugo e Lara, Leonardo, Rafael e Renata, aos Duzão e Ré, ao Ivan, ao tio Buda e seus budinhas Juma e Cauê.

Ao Lucas, pela paciência, pelo companheirismo, pelo afeto.

Ao professor Anthony Vidler, pela oportunidade de diálogo e por me receber no ambiente único da The Cooper Union.

Aos funcionários da biblioteca da The Cooper Union, Carol Salomon, Claire Gunning e Thomas Micchelli.

Ao Edwin DeLeon, pela amizade entre livros.

Ao inesperado azul de Jeankarlos Cruz e a todos os fragmentos de cor que ficaram depois dessa luz dominicana.

Ao técnico do laboratório de fotografia, Brian Zimmerman, e à artista, professora e chefe de laboratório Jennifer Williams, que me acolheu tão bem na The Cooper Union e me apresentou o universo artístico de Nova York.

A Decana em exercício na Irwin S. Chanin School of Architecture, Elizabeth O'Donnel.

Aos de Nova York: Maria Clara Maciel, Bernard Herstcovich, Lauren Neeffe, Rolfie, Alexia Klein, Eli Klein, Maya e Asher, Natasha, Ben, Emily e Nuno Manna.

Aos artistas que cooperaram diretamente com este trabalho, especialmente Leslie Hewitt, Jennifer Williams e Luísa Rabello.

À CAPES, por viabilizar a realização do estágio sanduíche na The Cooper Union, em Nova York, e à FAPEMIG, por tornar possível me dedicar a esta pesquisa.

“Cuando dejé aquel mar, una ola se adelantó entre todas. Era esbelta y ligera. A pesar de los gritos de las otras, que la detenían por el vestido flotante, se colgó de mi brazo y se fue conmigo saltando. No quise decirle nada, porque me daba pena avergonzarla ante sus compañeras. Además, las miradas coléricas de las mayores me paralizaron. Cuando llegamos al pueblo, le expliqué que no podía ser, que la vida en la ciudad no era lo que ella pensaba en su ingenuidad de ola que nunca ha salido del mar. Me miró seria: "Su decisión estaba tomada. No podía volver." Intenté dulzura, dureza, ironía. Ella lloró, gritó, acarició, amenazó. Tuve que pedirle perdón.”

Octavio Paz, *Mi vida con la ola* | 1960

“A Avó abre os olhos, e eu vejo uma nova luz áspera e gelada: a inteligência, uma energia que de repente recompõe todo o corpo e traz agora o retrato para o centro do tempo, tornando-o movimentado e audaz, completo. Nesse olhar progride agudamente um sorriso que o limpa da velhice e deixa o sal de uma fina malícia. Os lábios mexem-se, parecem brilhar um instante. O corpo renasce do próprio esgotamento. A Avó diz:  
– É tudo mentira...  
Depois as pálpebras descem e o corpo é absorvido pelo enigma. As paredes alteiam-se, o retrato recua, a minha juventude fica sem armas – fulgurante e estúpida.  
Assim é porventura a sabedoria: vil, esmagadora. O único tempo que lhe pertence deve ser a idade mas quando dela se aproxima um jovem fascinado que a si mesmo impôs a condição de mensageiro, como se quisesse tocar no gelo, convencido – ele! – de que o calor dos poucos anos poderá fundir o gelo, então o gelo agarra a idiota mão quente, e queima-a.  
A Avó morreu nesse mesmo dia.”

Herberto Helder, *Equação* | 1963



## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é explorar a relação entre espaço e imagem a partir da experiência de estranhamento promovida por determinadas práticas fotográficas contemporâneas que tematizam o ambiente construído. Por meio de uma revisão teórica das principais abordagens da fotografia e de uma retomada histórica da relação entre esse campo disciplinar e o da arquitetura, propõe-se uma nova abordagem para determinado universo de imagens contemporâneas. Nessa abordagem, que pretende expandir as possibilidades interpretativas e experimentais das obras, serão analisadas as implicações artísticas entre fotografia e arquitetura. A ideia é abordar essas práticas junto ao conceito de *campo em expansão*, que é um desdobramento do conceito de campo expandido proposto por Rosalind Krauss em 1979. No *campo em expansão*, arquitetura, ambiente construído e fotografia – cujos limites disciplinares são temporariamente suspensos – atualizam-se plasticamente em torno de três princípios unificadores: olhar, objeto e espaço. Esses princípios – que não conformam, no entanto, uma estrutura rígida – são agrupamentos provisórios, decorrentes do imaginário com que se relacionam. Eles são referenciados a partir de uma sintaxe própria, que diz respeito a três tipos possíveis de relações entre fotografia e arquitetura: a arquitetura *da* fotografia, a arquitetura *com* fotografia e a arquitetura *depois* da fotografia. Abordar tais práticas como configuradoras de um *campo em expansão* significa multiplicar os ecos da experiência artística nos campos de conhecimento aí envolvidos, sem que haja a dilaceração dessa experiência por uma abordagem que privilegie um campo em detrimento do outro. A criação do conceito de *campo em expansão* evidencia a presença de uma pulsão objetual e espacial nas obras fotográficas contemporâneas que tematizam o espaço, num movimento de superação do apartamento entre sujeito e objeto que, segundo Jacques Lacan, ocorre por meio da visão. Essa pulsão tende a fomentar um olhar mais tátil, que torna tangível e habitável o que é visível, como sugere Maurice Merleau-Ponty.

**Palavras-chave:** fotografia; arquitetura; espaço; construção; campo em expansão; estranhamento familiar.



## ABSTRACT

The objective of this research is to explore the relationship between space and image. It highlights the experience of "disturbance" (*unheimlich*) caused by some contemporary photographic practices that represent architecture and built space. I propose a new approach to this type of image in contemporary art. Following a theoretical and historical approach about the representation of built space in photography, I also take into account the discussions of important works such as Walter Benjamin (1931), André Bazin (1945), Rudolf Arnheim (1974), Susan Sontag (1979), Roland Barthes (1980), Philippe Dubois (1983) Rosalind Krauss (1990) and Andre Rouillé (2003), among others. This new approach expands the interpretive and experimental possibilities of photographic images, taking into account its intellectual implications both in the disciplinary field of arts that and in the imaginative field of architecture. That approach brings images into a conceptual space that I denominate "the expanding field", following the concept of sculpture's expanded field, proposed by Rosalind Krauss in 1979. The expanding field temporarily suspends the disciplinary boundaries between architecture, built space and photography. Thus, we multiply the possibilities of visual existence of space and the opportunities for spatial existence of the image. The expanding field is a system based on three unifying principles for organizing images: these principles are the gaze, the object and the space. These principles are not a rigid structure of classification. They constitute temporary gatherings, manifestations of contemporary imagination. Each group of images in the expanding field has a specific syntax. For the principle of the gaze, the syntax is architecture of photography; to that of the object, architecture with photography; and finally, for the one of space, architecture after photography. Each syntax includes a specific universe of questions from photography about the idea of building and the experience of space. The creation of this conceptual field, whose disciplinary boundaries are suspended, has highlighted the drive to become object and space present in photography as contemporary art. This impulse tends to promote a more tactile look, as described by Maurice Merleau-Ponty (1969), making it more tangible what is visible.

Keywords: photography; architecture; space; construction; expanded field; expanding field; *Unheimlich*.





## RÉSUMÉ

L'objectif de cette recherche est d'explorer le rapport entre l'espace et l'image. Elle met en évidence l'expérience de "l'inquiétant" (*unheimlich*) provoqué par quelques pratiques photographiques contemporaines qui représentent l'architecture et l'espace construit. Je propose une nouvelle approche à ce type d'image dans l'art contemporain. Ceci, en suivant une démarche théorique et historique à propos de la représentation de l'espace construit dans la photographie - en tenant compte des discussions des œuvres importantes comme celles de Walter Benjamin (1931), André Bazin (1945), Rudolf Arnheim (1974), Susan Sontag (1979), Roland Barthes (1980), Philippe Dubois (1983), Rosalind Krauss (1990), et André Rouillé (2003), parmi d'autres. Cette nouvelle approche élargit les possibilités interprétatives et expérimentales des images photographiques, en tenant compte de ses implications intellectuelles tant dans le champ disciplinaire artistique que dans le champ imaginaire de l'architecture. Elle rapproche des images dans un espace conceptuel, que je dénomme 'le champ en expansion', en partant du concept de 'champ élargi' (*sculpture's expanded field*) de Rosalind Krauss (1979). Dans le 'champ en expansion', on suspend provisoirement les limites disciplinaires entre l'architecture, l'espace construit de la ville et la photographie. Ainsi, on multiplie les possibilités d'existence visuelle de l'espace et les possibilités d'existence spatiales de l'image. Le 'champ en expansion' constitue un système basé sur trois principes d'unification organisateurs d'images: le regard, l'objet et l'espace. Ces principes ne forment pas une structure rigide de classification. Ils se forment en tant que des groupements temporaires en étant donc des événements de l'imaginaire contemporain. Chaque groupe d'images dans le 'champ en expansion' présente une syntaxe spécifique: pour le principe du regard, la syntaxe est l'architecture de la photographie ; pour celui de l'objet, l'architecture avec la photographie ; et enfin, pour celui de l'espace, l'architecture après la photographie. Chaque syntaxe comprend un univers spécifique de questions sur l'idée de construire l'expérience de l'espace à partir de la photographie. La création de ce champ conceptuel, dont les limites disciplinaires sont suspendues, a mis en évidence la pulsion de devenir objet et espace de la photographie en tant qu'art contemporain. Cette pulsion tend à promouvoir un regard plus tactile, comme l'a décrit Maurice Merleau-Ponty (1969), en rendant plus tangible ce qui est visible.

Mots-clés: photographie; architecture; espace; construction; champ élargi; champ en expansion; *unheimlich*.